

VU Research Portal

Entre o fogo cruzado e o campo minado:

Valle Menezes, P.

2015

document version

Publisher's PDF, also known as Version of record

[Link to publication in VU Research Portal](#)

citation for published version (APA)

Valle Menezes, P. (2015). *Entre o fogo cruzado e o campo minado: uma etnografia do processo de pacificacao de favelas cariocas*. Vrije Universiteit.

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal ?

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact us providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

E-mail address:

vuresearchportal.ub@vu.nl

2. DO PONTO DE VISTA DOS “INVADIDOS”

2.1. Mais uma “operação policial normal”?

Se o início da criação e implementação do projeto das UPPs foi vivenciado por governantes e policiais como uma situação indeterminada que foi seguida por um longo processo de experimentação, para os moradores das favelas “pacificadas” e traficantes que atuavam nas primeiras favelas “pacificadas” essa experiência foi ainda mais intensa e radical. Isso porque, esses atores, inicialmente, não tinham qualquer informação sobre o que era o projeto das UPPs e sobre como seria sua implementação.

Por já terem tido suas rotinas interrompidas tantas vezes por ocupações policiais que seguiam quase sempre o mesmo roteiro⁸⁰, os moradores da Cidade de Deus e do Santa Marta ao presenciarem a chegada da polícia em novembro de 2008, pensaram, inicialmente, estar diante de mais uma operação policial “normal”. Eles narram que naquele momento não tinham ideia de que futuramente viria a ser instalado nesses territórios um tipo de policiamento diferenciado:

As coisas estavam acontecendo aqui, mas não tinham um nome (como tem agora). Hoje tem o quê? A ocupação para depois ter a implementação da UPP. Aqui não teve a palavra ocupação como nos outros. Aqui era incursão de polícia de rotina. Aqui morreu gente pra caramba. Era incursão normal, mas já era o trabalho de ocupação para a implementação (...). Eles não falaram nada, já chegaram ocupando, só que para o morador já era o que acontecia normalmente, entendeu? Já era o que acontecia normalmente. (Trecho da entrevista com o presidente da Associação dos Moradores do Morro Santa Marta)

⁸⁰ O roteiro das operações policiais em favelas começa com PMs aproximando-se desses territórios, muitas vezes, contando com o fator surpresa. Assim que eles chegam perto de algum dos locais que dão acesso à favela, jovens que são encarregados de fazer a “contenção”, logo “passam um rádio”, soltam fogos ou dão tiros para avisar aos demais integrantes do grupo que a polícia está cruzando a “fronteira” entre o “asfalto” e a favela. Assim como os traficantes atiram para tentar conter o avanço da polícia no território – ou para, ganhar tempo para organizar melhor um ataque ou mesmo para fugir e se esconder –, os policiais também realizam centenas de disparos. E, assim, quase todas as “invasões” da polícia na favela são seguidas de intensos confrontos armados que quebram a rotina da população que vive nessas localidades e em suas redondezas. Quase invariavelmente, esses conflitos deixam feridos entre policiais, traficantes ou moradores sem qualquer relação com o comércio de drogas. Depois de algumas horas ou de alguns dias após o início da operação, a polícia, geralmente, deixa a favela. E, logo em seguida, um balanço da operação – que inclui a contagem do número de pessoas, drogas e armas apreendidas – é apresentado. A quantidade de apreensões, assim como de mortes de traficantes, são os principais indicadores utilizados para medir o “sucesso” das operações. E os casos de inocentes mortos e feridos, quase sempre, são tratados no discurso oficial como um efeito colateral inevitável nesse tipo de ação policial.

Os policiais estavam [fazendo] operações constantes em favela. Então, de imediato, nós achávamos que seria só mais uma operação. Mas foi em um dia de manhã, foi muito cedo e aquilo foi impactante. Porque foi muita polícia, policial do Bope, e eles cercaram a Cidade de Deus toda. Então acreditava-se que era só mais aquela operação. Quando eles vieram, todo mundo achava que seria uma operação normal. Sempre aconteciam essas operações conjuntas. (Trecho da entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Moradores da favela de Botafogo relatam que Zé Mário foi um dos primeiros a investigar o que estava acontecendo quando a polícia chegou na favela. Como narra um morador do Santa Marta: “a princípio, todo mundo achava que seria uma megaoperação. Mas, o Zé Mario foi na UPP ver o que estava acontecendo e o próprio secretário estava presente e disse: ‘Ó, a polícia não sai mais do Santa Marta’”. O presidente confirma essa versão e aponta que em um primeiro momento “chegou a polícia ostensiva que a gente sempre conheceu. Chegou tomando a chave da porta da associação, tomando a chave do bondinho, não é? Chegou ocupando a favela da forma ostensiva, como eles sempre fizeram. A polícia que nós favelados conhecemos”. Como as pessoas começaram a procurá-lo para perguntar o que estava acontecendo na favela, Zé Mário teve que mobilizar seus contatos para investigar a situação:

Não fomos avisados. Quando ficou o clima ostensivo na comunidade, eles tomando tudo, eu como presidente tive que ir lá em cima saber o que estava acontecendo. Eles falaram que o secretário e o governador viriam no morro para explicar para comunidade. O que eu fiz? Chamei todos os presidentes de associações de comunidades da Zona Sul, porque a comunidade estava com medo na época. E fui eu e todos os presidentes de comunidades da Zona Sul conversar com o secretário de Segurança, o subsecretário de Segurança, que foi o Zé Mariano Beltrame e o Roberto Sá, o governador, o vice-governador e alguns outros secretários. E nesse dia eles falaram “a polícia chegou no Santa Marta para nunca mais sair”. (Trecho de entrevista com o presidente da Associação dos Moradores do Morro Santa Marta)

Relatos apontam que a chegada da polícia nas duas favelas perturbou não só a rotina dos moradores, mas também a dos traficantes que tiveram que acionar seus contatos para tentar entender o que estava ocorrendo naquele momento. Um traficante que entrevistei me contou que, primeiramente, ele e outros colegas utilizaram os repertórios habituais de que dispunham, isto é, aquele que eles usavam em outras incursões policiais, para tentar superar a indeterminação, entender o problema que se colocava diante deles e resolver a situação. Como veremos no relato a seguir, os traficantes ligaram para policiais corruptos (a “arregadeira”) com quem tinham contato para tentar “desenrolar”, isto é, encontrar uma solução pacífica, mas, ocorre

que, dessa vez, o comandante deu uma resposta que nunca havia dado, configurando e testificando a novidade da situação.

Sabe como é que é, polícia é bandido, bandido é polícia, é assim. Como eles têm nossa informação daqui para lá, nós temos de lá para cá também. Aí nós batemos um rádio para a arregadeira [policiais corruptos], mandamos ir no comandante para ver se ia ter papo. Aí o comandante falou: “você está maluco? Agora não tem mais nada, não tem negociação. A polícia vai ficar. Pode falar para eles!” De tarde, foi uma loucura, atravessando daqui para a Penha de moto roubada, casacão, fuzil, pistola pra caralho voando na Linha Amarela. O dono da boca na tua garupa, foragido pra caralho. Não foi eu que levei ele não, fui em outra moto, mas estava todo mundo num bonde só. Aí você fica como? Tinha que, ao mesmo tempo, ficar na contenção do cara e pilotar a moto! Tu vai deixar o dono da boca para morrer contigo ali? Tu morre, mas não pode deixar o cara morrer. Aí fomos, deixamos ele lá. Depois voltou, ficou assim (...). Aí perto do Natal entrou a UPP. (Trecho da entrevista com um traficante da Cidade de Deus)

Alguns moradores sugerem que traficantes do Santa Marta talvez tenham sido avisados sobre as invasões das primeiras favelas – ainda que de forma bem menos aberta do que passou a acontecer depois que o programa se consolidou⁸¹. Lilo, morador do Santa Marta, de 56 anos, relatou durante uma entrevista que ouviu “comentários de que os traficantes teriam sido avisados, porque senão seria uma carnificina”. Ele destaca, contudo, a diferença entre a experiência do Santa Marta e de outras favelas que foram “pacificadas” posteriormente: “Não foi tão abertamente como quando o governador Sérgio Cabral avisou, por exemplo, sobre a ocupação do Tabajaras. Aqui no Santa Marta, houve, parece que em *off*, uns toques”.

Já moradores da Cidade de Deus dizem que os traficantes da favela não pareciam ter sido avisados sobre a ocupação. Segundo um dos entrevistados o início da ocupação da favela foi muito violenta e como a Cidade de Deus foi uma das primeiras a receber a UPP naquele momento não havia muitos parâmetros comparativos para ajudá-los a prever o que aconteceria a seguir:

No primeiro estágio da UPP aqui foi um sufoco geral, porque foi massacre, cara. O Bope sufocou. Os bandidos tiveram todos que ralar. A princípio ninguém sabia o que estava rolando, porque aqui foi o primeiro protótipo. Aqui e o Batan. Tinha também o Santa Marta. Só que foram situações diferentes, foram ambientes diferentes. Santa Marta era um ovinho, que era na Zona Sul, Batan milícia e aqui esse mundão. Então o que estava acontecendo, a princípio, ninguém sabia. (Trecho da entrevista com um morador da Cidade de Deus)

⁸¹ Depois que a UPP começou a se expandir, as ocupações desses territórios passaram a ser anunciadas com antecedência pelo Governo e pela mídia com o intuito de evitar confrontos e morte de inocentes.

Diante dessa nova situação que se apresentava, os moradores e traficantes tiveram que iniciar, portanto, um processo de investigação, ou seja, um processo por meio do qual buscaram elementos para definir e entender a situação que estavam vivendo. O início do processo de investigação fez-se necessário à medida que os recursos habituais e rotineiros de que os moradores dispunham até então para medir o “clima da favela” (CAVALCANTI, 2008) e definir a situação (THOMAS, 2002, p. 103-15) se mostraram ineficazes e inoperantes. Cefaï (2013) descreve de modo preciso esse processo, ao indicar que

quando uma situação ordinária atravessa uma tal crise, seus participantes saem de seu regime de conduta habitual e elaboram uma experiência reflexiva. Eles circunscrevem os elementos que o perturbam, se interrogam sobre suas causas e seus efeitos, se inquietam com suas atitudes respectivas *vis-à-vis* a perturbação e examinam a significação social de seus atos a esse respeito. Eles discutem, raciocinam, se inquietam em voz alta, se informam, investigam, alertam a opinião pública. A perturbação experimentada é convertida em problema. (CEFAÏ, 2013, p.11)

2.2. A inauguração da UPP e o surgimento de uma “nuvem de especulação”

A partir do desenvolvimento de um processo de investigação, moradores e traficantes que atuavam nos territórios ocupados, pouco a pouco, foram começando a entender que aquela era uma operação diferente das que aconteciam com recorrência. Moradores da Cidade de Deus contam que embora tenham ficado sabendo, através de notícias nos jornais e na televisão, que a ocupação da favela seria “permanente”, eles especulavam, inicialmente, que tal ação policial não duraria muito tempo:

Só quando eles anunciaram no RJTV, dizendo que seria permanente, que seria um projeto que o governo estava em secreto e algumas favelas seriam iniciais, que era o Batan e a Cidade de Deus, aí que a gente começou... Mas só que, até então, a gente não tinha esse conhecimento de como seria, até porque era um projeto novo e sempre vem aquela desconfiança da gente que está na favela, porque antes disso já vieram outras. Por exemplo, primeiro foi o DPO, depois foram as cabines, que cada localidade tinha umas cabines, aí passava outra e o Garotinho ganhou o Polígono, [n]o outro [governo] criaram aquele balão que ficava rodeando. Então a gente achava que aquilo era algo passageiro, político. Mas só que, quando a gente começou a observar, a gente viu que era uma nova mudança, uma mudança fixa. Eu acho que levou alguns meses. (Trecho da entrevista com um morador da Cidade de Deus)

No dia que invadiram e que ia estar todo mundo com aquela ideia de “amanhã eles vão embora.” Aí, quando o governo apareceu na televisão, que viu no RJTV, a polícia falou “não, agora vai ser uma ocupação

permanente e nós viemos para ficar. A força militar, ela não vai sair.” Aí os caras (traficantes) ainda estavam esperando: “não, daqui a três meses eles vão sair, mês que vem.” Porque foi em novembro que eles invadiram. “Ah, passar Natal, Ano Novo, eles saem.” (Trecho da entrevista com uma moradora da Cidade de Deus)

Nos primeiros meses de ocupação havia, portanto, fortes especulações de que a ação policial na Cidade de Deus não ia “ter vida longa” porque “no início a polícia não tinha uma base, um lugar em que pudessem ficar de modo permanente”. Então, “todo mundo achava que era coisa de meses porque eles tinham que ficar plantados em várias esquinas, sem ter sequer um banheiro. Todo mundo duvidava que eles fossem permanecer na favela desse jeito por muito tempo”.

Meus interlocutores contam que só começaram a acreditar que a polícia não deixaria a favela “tão cedo” quando chegaram os primeiros *containers* que abrigariam os PMs no território. Eles relatam que tal instalação foi lida por eles como o início de uma nova fase. No entanto, havia ainda poucas informações de como seria essa nova etapa. Como resume um morador, “falaram que iam colocar *container* na CDD e que o nome disso era UPP. Só que eu não sabia que era UPP, acho que ninguém sabia direito”. Outro jovem da mesma favela também ressaltou que a falta de informação sobre como o projeto seria desenvolvido permanecia nessa “nova fase”:

a princípio a gente viu que eles vieram para ficar quando instalou a UPP mesmo. A gente viu que não tinha jeito. Quando viu levantando o *container* ali, tudo mudou. Então naquele período ali foi uma nova adaptação. A gente pensou: a gente vai ter que aprender a conviver. A autoridade com a lei e com a margem da lei. A gente não sabia como é que seria o sistema da UPP. A gente não sabia. Como é que vai ser isso? Vai ser um quartel? Vai ser uma central? Entendeu? Então a gente ficava sempre naquela expectativa. Era uma coisa sombria, uma coisa, assim, incerta. E se eles chegassem e mostrassem “não, o projeto que a gente tem aqui é esse, é esse, esse e esse” você ia ter ciência do que ia fazer. (Trecho da entrevista com um morador da Cidade de Deus)

Esse depoimento evidencia como parte da indeterminação dissipou-se quando a UPP foi oficialmente inaugurada, mas, ao mesmo tempo, novas perguntas começaram a ser elaboradas, pois ainda havia uma escassez de informações sobre o projeto. Ninguém sabia o que eram as UPPs e que impactos elas poderiam ter na vida das favelas, uma vez que a notícia de que a ocupação seria permanente não foi imediatamente acompanhada de muitas explicações oficiais sobre como a ação policial aconteceria. Como apontaram alguns de meus entrevistados:

Nada foi avisado para os moradores, a UPP chegou sem aviso. Tudo que a gente sabia era através da televisão. (Trecho de entrevista de uma moradora do Santa Marta)

A gente foi lendo no jornal de que invasão era permanente e depois as pessoas começaram a falar que era UPP. Só que eu não sabia [o] que era UPP. (Trecho de entrevista com um morador da Cidade de Deus)

A falta de informações precisas sobre o que estava acontecendo e o que viria a acontecer fez surgir ainda mais dúvidas entre os moradores. Todos buscavam investigar o que estava ocorrendo e especulações começaram a se proliferar pela favela. Como bem resumiu Zé Mário, no Santa Marta “não foi avisado, não! Aqui não foi que nem as outras (favelas “pacificadas” posteriormente) não. Então, criou-se uma *nuvem de especulação*”. Essa tal *nuvem* da qual fala o presidente da Associação dos Moradores do Morro Santa Marta era composta por uma infinidade de rumores que começaram a circular pela favela.

Durante o desenvolvimento de minha pesquisa no Santa Marta e na Cidade de Deus, notei que os rumores que compunham essa “nuvem de especulação” tinham um papel fundamental no processo de investigação empreendido sobre a situação indeterminada gerada pela chegada da polícia nessas favelas no fim de 2008. Resolvi, então, ao longo do meu trabalho de campo mapear esses rumores, já que sua análise poderia me ajudar a acompanhar a evolução e a transformação do processo de investigação com o passar do tempo⁸².

Apresentarei mais adiante como organizei o mapeamento dos rumores da “pacificação”. Mas devido à importância que os rumores ganharam em minha pesquisa, antes do mapeamento propriamente dito, gostaria de apresentar uma breve revisão da literatura sobre o tema .

2.3. Os rumores como um mecanismo de investigação coletiva

Há algumas décadas, os rumores tornaram-se objeto de investigação sistemática. Contribuições vieram de muitas fontes: historiadores e juristas preocupados com a confiabilidade do testemunho; psicólogos que estudavam a precisão da percepção e da memória; psiquiatras interessados na expressão de

⁸² Parto da ideia de que se os rumores importam diretamente aos moradores (e todos os atores sociais em geral) que tiveram suas rotinas modificadas, eles necessariamente devem interessar aos pesquisadores que têm como objetivo descrever esse processo de experimentação das incertezas dos seus pesquisados.

impulsos reprimidos em atos comunicativos; antropólogos e sociólogos envolvidos no estudo da resolução coletiva de problemas e opinião pública.

Muitos desses pesquisadores que tomam os rumores como objeto de investigação científica definem esse gênero narrativo a partir de sua comparação com dois outros gêneros semelhantes: as lendas urbanas⁸³ e as fofocas⁸⁴. Os três gêneros narrativos são marcados por uma característica comum: a dúvida que gira em torno da veracidade das informações que eles fazem circular. Quem ouve rumores, fofocas ou lendas urbanas, geralmente, tem a impressão de estar ouvindo o relato de um fato que não foi diretamente observado pelo emissor da mensagem, já que aquele que conta a narrativa, quase invariavelmente, inicia a sua fala fazendo uma advertência em relação à falta de verificação da história narrada: “Eu não sei se isso é verdade, mas eu ouvi dizer que...”; “Eu não vi, mas me disseram que...”; “Não tenho certeza, mas andam dizendo que...”, “Não sei se é boato, mas estão comentando por aí que...”.

Rumores são considerados um tipo de “comunicação não-oficial” (KAPFERER, 2013) ou “comunicação informal” (MICHELSON; MOULY, 2000). A literatura sobre o tema dos rumores começou a desenvolver-se nos Estados Unidos (KAPFERER, 2013), onde os primeiros estudos sistemáticos sobre o tema foram feitos durante a Segunda Guerra Mundial. O fato de os rumores terem se tornado um

⁸³ Gail de Vos sugere que “lends tend to be a fully developed story, with details and dramatic action” (1996, p. 21). Esse tipo de narrativa, diferenciar-se-ia, portanto, por apresentar narrativas mais elaboradas do que fofocas e rumores que são mais breves e resumem-se, muitas vezes, a uma simples declaração. Nas palavras de DiFonzo; Bordia, “legends are for storytelling and amusement and therefore tend to contain a setting, plot, climax, and denouement. Rumors are for ferreting out the facts, making sense, and managing risk and thus the information tends to be received in shorter packets that are relevant to a particular situation” (2007, p. 26).

⁸⁴ Embora alguns autores usem os termos fofoca e rumor, de modo intercalado, como se fossem sinônimos (Elias e Scotson, 2000), rumores tratam, geralmente, de um fato recente; enquanto as fofocas, quase sempre, têm um indivíduo ou grupo como alvo. Além disso, alguns autores apontam que existiria uma diferença entre o que seria a “função social” exercida por cada um desses gêneros. Fofocar é ter uma conversa informal e privada sobre pessoas ausentes compartilhada por certos grupos sociais. A literatura antropológica nos fornece diversas pistas para compreender o que seria a “força social” da fofoca. Trabalhos clássicos de antropólogos, como o de Benedict (1934), fazem referência à fofoca como uma forma de controle social informal e a conceituam como uma crítica à infração de regras. Já as primeiras teorias sobre fofoca destacam mais a função desse tipo de narrativa na manutenção da unidade de um grupo mediante a provisão de níveis informais de avaliação e controle (GLUCKMAN, 1963). A fofoca é entendida, portanto, como um juízo moral, que reforça a integração de um grupo e suas normas de conduta, colaborando para o controle social. Um mexerico é capaz de “punir” quem comete uma infração, mas é também um incentivo para que infrações nem cheguem a ser cometidas. Por isso, a fofoca é considerada um tipo de controle social tão eficiente que alguns antropólogos chegam a sugerir que em algumas comunidades as pessoas são virtuosas por medo de fofocas (PITT-RIVERS, 1971).

problema nacional, especialmente entre 1942 e 1943, levou muitos pesquisadores a investigarem esse tipo de narrativa (KNAPP, 1944; ALLPORT; POSTMAN, 1947).

Muitos dos estudos realizados nesse período rotulavam rumores como relatos falsos ou não verificados, sujeitos a questionamentos. Psicólogos – como Allport e Postman (1947) que utilizavam o método experimental – e psicanalistas – como Jung (1910) que usava o método clínico para investigar os rumores – tinham como foco a mesma preocupação: as distorções causadas em sua transmissão. Este enfoque proposto por psicanalistas e psicólogos apresenta uma série de problemas. O primeiro deles é que esses estudiosos parecem pressupor que uma comunicação “normal” é sempre precisa, correta, exata. O uso do termo distorção que eles fazem com recorrência, parece implicar, portanto, a existência de algum padrão objetivo – de uma verdade – a partir do qual os enunciados derivados podem ser comparados e medidos. E outro problema deste enfoque é que considera o rumor como um produto, ou seja, algo que tem uma existência independente do processo no qual surge. O rumor é tratado, portanto, como algo que pode ser passado de pessoa para pessoa, como um objeto que estimula alguém, sofre algumas modificações durante a passagem e, em seguida, parte para estimular outra pessoa.

Diferentes abordagens no estudo dos rumores podem ser encontradas em pesquisas realizadas por historiadores e sociólogos que tentaram fugir do *individualistic bias* presente nos trabalhos realizados sobre o tema na área da psicologia e da psicanálise. Oman (1928), Dauzat (1919), Bysow (1928), Rose (1940), Perterson e Gist (1951) e Shibutani (1966) são alguns dos autores que não negam que rumores sejam informações imprecisas e muitas vezes não verificadas – como sugerem as análises de Allport e Postman (1947) e Knapp (1944) – mas focam-se em outros problemas e questões ao pesquisar este tipo de comunicação.

Esses autores concebem os rumores como um padrão comunicativo que se desenvolve quando um grupo está envolvido em uma situação na qual algo acontece fora da rotina e todos reúnem, então, seus recursos intelectuais em um esforço para se orientarem. Eles consideram rumor “a collective enterprise that gets its organization and direction in the collaboration of a multitude persons” (Shibutani, 1966, p. 9). Isso quer dizer que os indivíduos não agem de modo independente durante a formação e a difusão de rumores, mas sim como participantes de um processo maior.

A partir do ponto de enquadramento adotado por esses pesquisadores, não faz sentido estabelecer uma clara distinção entre o processo comunicativo e seu produto.

Logo, o rumor não é visto como um objetivo a ser transmitido, mas algo que é formulado, reformulado e reforçado em uma sucessão de atos comunicativos. O rumor é um processo coletivo, é algo que está sempre em construção. Por isso, quando a atividade comunicativa cessa, o rumor deixa de existir. Como sintetiza Shibutani, “rumor, then, is not an individual creation that spreads, but a collective formation that arises in the collaboration of many (1966, p. 13).

Rumores só existem, portanto, como um ato comunicativo entre pessoas. Todavia, esse tipo de comunicação não pode ser identificado em termos de um conjunto particular de palavras. A sequência de palavras difere de cada pessoa que transmite o rumor. Mas, isso não quer dizer que haja uma distorção da mensagem. O que parece ser uma transformação do conteúdo do rumor – usualmente chamada de distorção –, na verdade, é parte do processo através do qual as pessoas esforçam-se para entender uma situação e chegar a um consenso.

Segundo Shibutani, o rumor não deve ser pensado como um enunciado que é apenas transmitido, mas como uma narrativa que está em constante processo de construção. Durante esse processo há uma divisão do trabalho. A contribuição de cada pessoa durante este ato comunicativo varia com o caráter de seu envolvimento na situação e sua relação com os outros participantes envolvidos. Cada participante pode ocupar diferentes papéis nesse ato comunicativo, cujo objetivo é testar informações para construir uma interpretação coletiva de uma situação indeterminada.

Embora a primeira preocupação de muitos pesquisadores que estudaram rumores tenha sido a imprecisão do relato transmitido boca a boca, Shibutani (1966) sugere que nem todos os rumores são necessariamente falsos. O autor aponta, em algumas circunstâncias, uma informação que era inicialmente imprecisa, pode ir tornando-se cada vez mais exata e precisa na medida em que vai sendo testada e revisada. Isso aponta que um relato não verificado pode, conseqüentemente, se tornar tanto uma verdade como uma mentira. Logo, Shibutani sugere que rumores podem ser definidos como:

a recurrent form of communication through which men caught together in an ambiguous situation attempt to construct a meaningful interpretation of it by pooling their intellectual resources. It might be regarded as a form of collective solving-problem (1966, p. 17).

Kapferer (2013, p. 3) indica que “rumors do not take off from the truth but rather seek out the truth”. Seguindo essa mesma ideia, Shibutani propõe estudar a transmissão de rumores não como um processo de distorção, mas como uma interação social, uma “transação coletiva” que inclui atividades cognitivas e comunicativas que se desenvolvem na medida em que indivíduos envolvidos em uma situação ambígua tentam unir seus recursos intelectuais para construir uma interpretação coletiva de tal situação. Por atuarem de forma inteligente, essas pessoas procuram por notícias e rumores são essencialmente um tipo de notícia: “notícias improvisadas”.

The distinctive characteristic of a rumor as a collective transaction – what makes it different from other forms of discourse among men attempting to define an ambiguous situation – is the lower degree of formalization of many of its component communicative acts. There is a relaxation of conventional norms governing social distance, sources of information, verification procedures, subject matter, and sometimes even the use of gestures. Precisely because these transactions do not develop within an institutional framework there are opportunities for spontaneity, expediency and improvisation. (SHIBUTANI, 1966, p. 23)

O exame dos mais diversos contextos em que se desenvolvem rumores revela que eles têm um elemento em comum: são todas situações problemáticas e ambíguas. Uma típica situação na qual esse tipo de comunicação informal costuma surgir é, por exemplo, logo após desastres. Assim que ocorrem alagamentos, terremotos, incêndios, epidemias repentinas, erupções vulcânicas, tsunamis, tornados, bombardeios ou invasões feitas por soldados inimigos, as pessoas precisam de informação para decidir como devem agir. Todavia, com frequência, os canais de comunicação institucionais estão completamente destruídos ou parcialmente comprometidos pelo impacto de eventos como os acima citados, não podendo suprir, portanto, a demanda por notícia da população atingida. Nesses casos, a necessidade de informação é respondida, então, por rumores que começam a circular (SHIBUTANI, 1968, p.57).

Vansina (1965, p. 20) define rumor como “uma forma de notícia que emerge em situações de tensão nas quais os canais de comunicação não estão operando adequadamente”. De forma semelhante, Shibutani (1966) refere-se a esse tipo de comunicação informal como “notícias improvisadas” que podem surgir tanto em situações marcadas por mudanças drásticas do ambiente, como por eventos não usuais que, repentinamente, quebrem a rotina de determinado grupo (PARK, 1940).

Demand for news may arise in an effort to cope with an unexpected event or in sustained collective tension, when men are mobilized to act but have no clear-cut goals. Supply for news depends on quite different

considerations. When activity is interrupted for want of adequate information, frustrated men must piece together some kind of definition, and rumor is the collective transaction through which they try to fill the gap (SHIBUTANI, 1966, p. 62).

Rumores são, portanto, um substituto para notícias. Eles são notícias que não se desenvolvem através de canais institucionais e oficiais. Logo, a discrepância entre a demanda por notícias e a oferta feita pelos canais de comunicação formais, constitui a condição crucial para o surgimento desse tipo de narrativa, cuja característica principal é seu baixo grau de formalização. Como resume Shibutani:

As in all other forms of joint action, communicative activities vary considerably in the extent to which they are institutionalized, ranging from formal procedures to more informal interchanges to spontaneous expression. The distinctive characteristic of rumor as a collective transaction – what makes it different from other forms of discourse among men attempting to define an ambiguous situation – is the lower of formalization of many of its component communicative acts. There is a relaxation of conventional norms governing social distance, sources of information, verification procedures, subject matter, and sometimes even the use of gestures. Precisely because these transactions do not develop within an institutional framework there are opportunities for spontaneity, expediency, and improvisation (SHIBUTANI, 1966, p. 23).

Cefaï sugere que rumores se proliferam “quando as fontes de informação são deficientes e/ou quando os esquemas rotineiros não são mais pertinentes” (2007, p. 120). Tal definição esta que se ajusta perfeitamente ao caso da chegada da polícia no Santa Marta e na Cidade de Deus em novembro de 2008: naquele momento, o fluxo das rotinas cotidianas dos moradores foi interrompida pela “ocupação” e havia uma ampla demanda por informação. Mas como as notícias que circulavam pelos canais institucionais não eram capazes de suprir a demanda dos moradores, “notícias improvisadas” passaram a ter grande importância na construção de uma interpretação coletiva do novo contexto que estava sendo experimentado. Shibutani descreve de modo preciso esse processo de experimentação:

Crisis situations arise whenever new events are incomprehensible in terms of established assumptions. Existing expectations are violated; new sensitivities arise; and new ideas emerge to be tested. In order that they may continue to act in association with one another men must alter their orientations together. Thus, the emergence of new hypotheses and their acceptance as part of a modified outlook is a social process (...) It is by consulting each other and comparing their experiences that they alter their ways of acting. Rumor is an important part of this process of transformation. As such, it is not pathological, but an integral part of process whereby men develop more adequate ways of coping with new circumstances. Since it is very unlikely that every new event will be defined satisfactorily through authoritative channels, it seems that rumors

will always play some part in the efforts of men to come to terms with their ever-changing world (SHIBUTANI, 1966, p. 182).

Em situações de crise, como foi a implementação da UPP, é possível notar que as mudanças significativas no ambiente geralmente são seguidas de modificações na orientação intelectual dos indivíduos; com o desenvolvimento de perspectivas mais alinhadas com as condições de vida alteradas. Assim, novos padrões sociais emergem. E, nesse contexto, o conhecimento não é o resultado final da investigação, mas o instrumento que permite que a vida continue apesar dos problemas:

As Dewey (1938) argues, knowledge is not a final result outside of inquiry, but an instrument that permits life to go in spite of problematic occurrences. The study of consensus is formed in crisis situations, then, is an investigation of one of the ways in which societies undergo change. (SHIBUTANI, 1966:62).

Na presente tese uso a ideia de que rumores são uma parte integrante dos processos de investigação que surgem em situações indeterminadas. Sigo a sugestão dada por Shibutani (1966, p. 17) de enquadrar os rumores como uma forma recorrente de comunicação através da qual as pessoas, tomadas por uma situação ambígua, tentam construir uma interpretação que faça sentido utilizando seus recursos intelectuais. Considero os rumores, portanto, como um modo coletivo de investigação. Além disso, sigo a proposta apresentada pelo sociólogo no livro *Improvised News: A Sociological Study of Rumors* de fazer uma abordagem situacional dos rumores. Isso significa que, ao invés de analisar os rumores como relatos isolados, investigo essas narrativas como fases de um processo maior de ajustamento e tentativa de elaboração de consensos sobre os significados e as consequências do processo de “pacificação” nas primeiras favelas onde foram inauguradas as Unidades de Polícia Pacificadora.

2.4. Mapeamento dos rumores da “pacificação”

Em situações indeterminadas, como a gerada pela chegada da polícia no Santa Marta e na Cidade de Deus, é possível notar que as alterações significativas no ambiente geralmente são seguidas de modificações na conduta dos indivíduos, visando ao desenvolvimento de repertórios e modalidades de ação mais alinhadas com as novas condições de vida. Assim, novos padrões sociais emergem.

A situação problemática gerada pela implantação da UPP nas primeiras favelas “pacificadas” estendeu-se no tempo e teve de lidar com uma sucessão de ajustamentos individuais e coletivos. Conforme a situação desenvolveu-se, a experimentação da UPP enquanto objeto problemático foi ganhando diferentes contornos. Com o passar dos meses e anos algumas dúvidas foram sendo solucionadas, novas questões e tensões foram surgindo e, assim, novos rumores começaram a circular. Ou seja, a demanda por notícias mudou e, por isso, novos e diferentes rumores surgiram. Como lembra Shibutani,

rumors, which usually develop in interrelated clusters, reflect and reinforce the developing preoccupations of a public. An area of preoccupation is one that is unstable and only practically organized: a preoccupation represents a mobilization to act that has been interrupted. Attention is focused on those areas where impulses are still striving for some kind of gratification. (...) Thus, rumors are always timely, they are usually a better index of the preoccupations of a public than most other forms of verbalization. Rumors always reflect shifts in preoccupation (...) As preoccupations shift, rumors are displaced (1966, p. 64).

Por fazerem circular informações relevantes para uma coletividade, os rumores podem ser pensados como “índices das preocupações” (SHIBUTANI, 1966) e dos “medos do momento” de um determinado grupo (LOPES, 2008). Essas narrativas tratam de assuntos que são significativos para certo grupo, em um momento específico e em uma localidade determinada (ROSNOW; KIMMEL, 1979). Por isso, acompanhar como os rumores vão mudando no tempo, permite refletir sobre como as ansiedades dos moradores vêm mudando desde a inauguração das UPPs.

Esta tese analisa como os rumores e as preocupações dos moradores foram mudando com a chegada da UPP, e com o início do processo de “pacificação”. Apesar de não haver a pretensão de esgotar todas as narrativas que estiveram e estão em circulação pelo Santa Marta e pela Cidade de Deus desde a chegada da UPP, produzi um mapeamento de cerca de 60 rumores que ouvidos durante o trabalho de campo. Essa apresentação e mapeamento têm por objetivo explicitar, através dessas investigações coletivas que são os rumores, o ponto de vista dos “invadidos”.

Para organizar o elenco de rumores, organizei um quadro no qual classifico essas narrativas a partir de alguns critérios (ANEXO – Mapeamento dos rumores da “pacificação”). Tais como: a) quando cada rumor circulou; b) o seu conteúdo; c) seu modo de circulação; d) sua trajetória com o passar do tempo; e) os seus desdobramentos.

Como a questão temporal é a mais importante neste estudo, organizei, primeiramente, os rumores a partir da ordem cronológica de seu surgimento e circulação buscando, assim, evidenciar como essas narrativas foram mudando com o passar do tempo. Mas achei que seria importante não só ordenar os rumores cronologicamente, mas também dividi-los a partir dos temas que essas narrativas tratam. Para tanto, agrupei as principais temáticas que os rumores ouvidos nas favelas “pacificadas” abordam. O objetivo dessa classificação era possibilitar que, em um momento posterior, fosse possível analisar separadamente as alterações ocorridas com o tempo nas narrativas que tratavam especificamente de cada um desses temas gerais, apresentados na legenda abaixo:

Tema	Rumores que tratam, principalmente, sobre
A	a UPP e a atuação de policiais no território das favelas “pacificadas”
B	o tráfico e a atuação de traficantes no território das favelas “pacificadas”
C	as mudanças nos crimes e conflitos na favela após a chegada da UPP
D	um possível processo de “invasão” e de “gentrificação” das favelas “pacificadas”

Gostaria de fazer alguns breves comentários sobre o modo de circulação dos rumores, a trajetória que seguem com o passar do tempo e seus possíveis desdobramentos. Para isso é necessário ressaltar que a literatura sobre rumores, de um modo geral, aponta que é possível tratar esse gênero narrativo enquanto objeto de estudo por, pelo menos, duas vias: a) pensá-los como “porta de entrada”, ou seja, tentar entender o que essas narrativas dizem sobre determinado grupo e o contexto no qual surgem; b) analisar a própria dinâmica de circulação dessas narrativas, investigar como elas surgem, se propagam e que desdobramentos geram. Ao longo desta tese empreendo um estudo sociológico que segue muito mais a primeira via do que a segunda. Todavia, embora este não seja o foco central desta tese, abrirei parênteses aqui para tecer alguns comentários sobre a segunda via mencionada, ou seja, a mecânica de circulação dos rumores nas favelas.

Scott sugere que rumores geralmente adquirem diferentes formas dependendo “da classe, da capa social, da região ou ocupação em que circula” (1990, p.176). Por isso, para descrever a dinâmica de circulação desse tipo de comunicação, apresentarei, brevemente, algumas características espaciais e sociais das favelas, enfocando, especialmente o caso do Morro Santa Marta onde desenvolvi trabalho de campo por mais tempo e ouvi grande parte dos rumores narrados aqui.

A favela Santa Marta pode ser pensada como uma ou várias vizinhanças situada dentro da cidade do Rio de Janeiro. Se, de um modo, geral, a cidade é caracterizada pela “falta de conhecimento mútuo” entre seus habitantes, como descreve Weber (1999), as vizinhanças existentes dentro da cidade podem ser pensadas como espaços marcados pelo “interconhecimento” dos membros que as compõem. Embora não seja possível ignorar a crescente rotatividade de pessoas – que têm se mudado para o morro ou deixado de morar – no Santa Marta, grande parte dos moradores ainda se conhece pelo nome. Muitos são nascidos e criados no morro – os chamados “crias” – outros migraram de outras regiões do país. Mas independente de ser “cria” ou migrante, grande parte dos moradores conhece seus vizinhos e convive com eles nos espaços privados e, especialmente, nos espaços públicos da favela⁸⁵.

Não quero sugerir que a favela seja uma “comunidade” marcada por uma suposta coesão interna ou pela existência de laços de solidariedade. Vale lembrar, por exemplo, que muitas lideranças comunitárias reclamam que os moradores da favela têm se tornado cada vez menos solidários e têm tido um comportamento cada vez mais individualista. Esta seria uma das principais dificuldades – que, obviamente, não é exclusiva da favela – encontrada por quem tenta organizar qualquer ação coletiva. Mas é importante ressaltar é que as relações sociais no morro, frequentemente, são marcadas pela pessoalidade. Tanto é que alguns moradores chegam a sugerir que o Santa Marta parece uma “cidade pequena” dentro de uma “cidade grande”, onde “todo mundo conhece todo mundo e se mete na vida de todo mundo”. E quando dizem isso, evidenciam que a sociabilidade na favela é marcada por uma pessoalidade que, geralmente, exerce um controle eficaz sobre os membros da coletividade. Controle este que, muitas vezes, é feito através da circulação de fofocas e rumores.

Acredito que algumas das características do Santa Marta que estão presentes em quase todas as favelas cariocas – como a proximidade das casas, as ruas muito estreitas, os becos e, principalmente, a pessoalidade que marca as relações de parte significativa dos moradores – facilitam a dinâmica de circulação de rumores e disseminação de fofocas de boca em boca pelo território. Isso porque, como afirma

⁸⁵ Como lembra Gondim, é preciso considerar: “o significado cultural dos espaços coletivos das favelas. Seja pela alta concentração e proximidade das habitações, seja pelos vínculos de solidariedade que se criam, a relação de seus moradores com a rua apresenta “uma lógica diferenciada”, uma vez que “o espaço do morador é muito mais do que a sua casa”. É intensa a convivência nas áreas comuns, onde se forjam relações de vizinhança” (GONDIM, 2010, p. 15).

Cefai, essas narrativas “tomam emprestado canais privilegiados que são os elos de parentesco ou de clã, de vizinhança ou profissão, ideologia ou de região” (2007, p. 122). Como lembra o autor,

Tarde e Park tinham igualmente visto que a extensão das zonas de contágio (difusão) das paixões, das ideias e dos ideais que desenham públicos é indissociável da existência de infraestruturas de difusão ou técnicas de comunicação. O desenvolvimento do rumor que faz emergir realidades e moralidades inéditas é dependente dessas ancoragens em operações de produção, distribuição e recepção de informações que elas mesmas são, portanto, tributárias de tecnologias, economias e ecologias (2007:122).

Vale ressaltar, contudo, que ainda que as características do Santa Marta e de outras favelas descritas anteriormente sejam importantes para entender a dinâmica da circulação de rumores por esses territórios, elas não são suficientes para explicar porque determinadas narrativas ganham mais força e outras menos. Segundo, DiFonzo e Bordia (2007) o que explica a força que determinados rumores ganham é a relevância dos tópicos que eles abordam, é a capacidade que esses tópicos têm de “tocar” as pessoas envolvidas no processo de difusão do rumor. Quando tratam de uma temática que é considerada importante para um grande número de pessoas ou envolvem pessoas públicas, certos rumores podem tomar grandes proporções e gerar efeitos bastante significativos, ultrapassando as divisões da estratificação e até mesmo as fronteiras geográficas. Dependendo de sua importância, determinados rumores podem, portanto, não só circular de boca em boca em um território restrito, mas também ganhar novas formas de circulação mais abrangente, passando, por exemplo, a circular através de veículos de comunicação de massa.

É necessário estabelecer uma diferença entre o “rumor” que circula de boca em boca e o “rumor” propagado pela mídia. Como a mídia é um conjunto de atores coletivos com interesses institucionalizados, ela não deve ser identificada com o que as pessoas dizem informalmente umas às outras. Ambas são “linguagens práticas”, ambas contribuem para a compreensão coletiva da vida social. Mas, mesmo quando caminham juntas – o que não é uma necessidade – a interseção entre elas não pode ser hierarquizada, com uma determinando a outra. Se há condicionamento, tem que ser analisado na forma de uma espiral de reciprocidade de influência.

Como sugere Cefai (2007), existe um “jogo de eco” entre os jornais e as mídias que vendem uma história e os mexericos/fofocas/boatos/rumores cotidianos espalhados por cidadãos ordinários. O rumor se funde com a opinião pública, através

do reforço recíproco de notícias e conversas informais. Além disso, Cefaï lembra que “a constituição de um espaço público midiático, articulado por numerosas organizações mediadoras da opinião pública, é estruturado por novas técnicas de informação e de comunicação, mas não ignora, não deixa de lado os rumores” (2007).

Esta tese trata dos “jogos de eco” entre notícias “oficiais” e “não oficiais” sobre as UPPs e seus impactos. Portanto, por um lado, tomo notícias oficiais, reportagens divulgadas por meios de comunicação de massa e informes institucionais como material empírico. E, por outro, analiso as “notícias improvisadas” que circulam de boca em boca entre moradores de territórios “pacificados”, traficantes e policiais da UPP. Tomo ainda como objeto de análise os rumores sobre as UPPs que têm circulado entre os moradores de favela, mas também entre um público mais amplo, através da Internet (em blogs, fóruns de discussão e mídias sociais).

Vale ressaltar aqui que o surgimento de novas tecnologias facilitou não só a propagação de notícias oficiais, mas também de “notícias improvisadas”, aumentando expressivamente a extensão no espaço e a rapidez no tempo da circulação de rumores. A popularização do uso da Internet e das redes sociais nos últimos anos, facilitou o “lançamento ou naufrágio de rumores em escala global” (CEFAÏ, 2007, p. 123).

No Santa Marta, na Cidade de Deus e nas favelas do Rio de Janeiro de um modo geral, vem crescendo, nos últimos anos, o número de pessoas com acesso à Internet, seja através de *lan houses* – como mostra Passos (2013) –, seja através de computadores pessoais e *smartphones* que vêm se tornando cada vez mais populares⁸⁶. Ao longo de minha pesquisa nessas favelas – especialmente nos momentos em que estive fora do país – acompanhei a emergência, de diversos rumores através do Facebook de moradores com quem tenho contato. E foi interessante notar como a publicação de rumores nas redes sociais costuma gerar bastante repercussão, com comentários de diversos moradores da favela ou mesmo “pessoas de fora” que são “amigas” de quem postou a informação.

Ao acompanhar essas postagens e os comentários que posteriormente foram feitos e respondidos, pude observar como alguns desses rumores foram questionados por outros moradores, alguns foram confirmados como notícias “verdadeiras” e outros

⁸⁶ Logo após a entrada da polícia na favela, em março de 2009, o Governo do Estado instalou um serviço de internet wi-fi gratuita no morro Santa Marta. Muitos moradores reclamam que o wi-fi patrocinado pelo Governo do Estado não funciona muito bem, que o sinal é fraco, que só é possível acessá-lo em alguns pontos do morro e que, com muita frequência, a rede fica “fora do ar”.

classificados como mentiras, posteriormente. Tanto no trabalho de campo “real” como no “virtual” foi interessante acompanhar a trajetória de alguns rumores. Esse acompanhamento me permitiu notar que com o passar do tempo:

a) alguns rumores transformaram-se em verdades, após serem verificados pelo público ou confirmados oficialmente (tanto pela mídia, como por fontes oficiais do Governo ou ainda por dados estatísticos). Esse foi o caso, por exemplo, da informação sobre o aumento de crimes não letais em favelas “pacificadas” que, inicialmente, circulava apenas como rumor, mas que, posteriormente, foi confirmado por pesquisas quantitativas, passou a ser considerado um dado oficial e deixou de ser questionado;

b) outros, com o passar do tempo, passaram a ser considerados mentira, como foi o caso do rumor de que traficantes estariam voltando a andar armados no Santa Marta;

c) algumas narrativas mesmo depois de terem sido, oficialmente, desmentidas, continuam circulando⁸⁷, como é o caso do rumor de que as UPPs vão acabar em 2016. Neste caso, embora o Governo já tenha negado várias vezes em pronunciamentos oficiais esta informação, este rumor permanece circulando – muito provavelmente porque ele parece ser bem mais plausível do que a ideia de que o projeto não terá fim depois da realização das Olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro;

d) há ainda rumores que circularam por um tempo, depois ficaram momentaneamente “adormecidos”⁸⁸ e, posteriormente, voltaram a circular. Este foi o caso, por exemplo,

⁸⁷ Shibutani aponta que há contextos em que os canais institucionais não são considerados completamente confiáveis e alguns rumores podem persistir circulando, pelo menos entre uma parte do público, mesmo quando são formalmente negados. Segundo o autor, isso acontece especialmente quando um rumor parece ser mais plausível do que um anúncio oficial (1966, p.132).

⁸⁸ Além de Shibutani, outros pesquisadores que estudam rumores também destacam que algumas dessas narrativas parecem ficar “adormecidas” por um tempo para depois serem retomadas. Knopf (2006) aponta que alguns tipos de rumores têm um grande poder de resistência pois, de tempos em tempos, reaparecem em diferentes lugares e contextos. Por isso, o autor afirma que esses rumores nunca morrem, apenas adormecem. Fine, Campion-Vincent e Healt (2009), vão além e questionam a própria comparação que muitos pesquisadores estabelecem entre o ciclo de vida humana e o dos rumores. Na visão dos autores, a utilização dessa metáfora talvez não seja muito adequada, já que não dá conta desses rumores que constantemente “morrem” e depois “renascem”: “Rumor is often metaphorically likened to the human life span – birth, growth, and demise. Is this an adequate metaphor? Do rumors live and then die? While texts have origins and then, often, disappear, should this suggest biological imagery? Of the lifespan metaphor is usable in whole or in part, what rumor forms and what contextual conditions produce extended or shortened lifespans? In the case of rumors that

do rumor que apontava que policiais estariam bebendo dentro da sede da UPP durante o horário de trabalho. Inicialmente, ouvi esse rumor no Santa Marta em 2010 e depois em 2014 voltei a escutar comentários sobre ele na mesma favela. Outro exemplo é o rumor que apontava que as UPPs podem virar milícia. Em 2011 ouvi esse rumor no Santa Marta, mas depois não ouvi mais falar sobre ele por um tempo. Até que em 2014, vi uma reportagem do jornal *A Nova Democracia*⁸⁹ que apontava que esse mesmo rumor estava ganhando força no Cantagalo e no Pavão-Pavãozinho, onde surgiram pichações com símbolos de milicianos nas paredes.

Por fim, vale lembrar que esta tese analisa ainda os desdobramentos que alguns rumores geraram nas favelas “pacificadas”. Para tanto, parto da ideia proposta por Cefaï de que, após acontecimentos marcantes, o rumor ajuda a fabricar um senso coletivo (ou de coletividade) na dinâmica das interações que o anima. O autor indica que ele cria públicos que são alternativamente seus produtores, seus condutores e seus receptores, seguindo as redes de sociabilidade pré-estabelecidas ou abrindo suas próprias redes” (CEFAÏ, 2007, p. 122)⁹⁰. O rumor ajuda a formar, portanto, “arenas públicas”⁹¹. E, assim colabora para a formação de coletivos e para a publicização de informações. Por isso, rumores podem ser pensados como meios que, potencialmente, podem colaborar para a mobilização coletiva (FIRTH, 1956). E, conseqüentemente, como sugerem Fine, Champion-Vincent e Health (2009) ele pode ser usado para fins estratégicos

reappear (rebirth), does the second coming have a predictably different character from the original version?” (FINE; CAMPION-VINCENT; HEALTH, 2009, p.262).

⁸⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=12k9JybKOkY> (Acessado em 05 de maio de 2014).

⁹⁰ O rumor circula porque afeta as pessoas que o ouvem e o reproduzem. Essas narrativas criam uma relação de identificação com seu conteúdo e a partir dessa identificação vai constituindo públicos – não no sentido republicano do termo, pois são coletivos que se constituem necessariamente de forma institucionalizada ou formalizada. Esse tipo de narrativa vai reunindo pessoas que vão se sentindo concernidas de uma dada forma.

⁹¹ Reis e Freire (2003) esclarecem que “a noção de arena pública nos remete a uma sociologia das formas, e não mais a explicações causais ou ao entendimento do interesse que orienta a ação dos atores. Em primeiro lugar, podemos dizer que a arena pública se refere, antes de tudo, à forma da participação e da mobilização em uma ação coletiva. É um quadro analítico a partir do qual podemos realizar um “trabalho de significação” da mobilização coletiva e do envolvimento dos atores participantes. (...) A arena pública remete à perspectiva dos herdeiros da Escola de Chicago, e, principalmente, de Anselm Strauss, quando este trata da ordem negociada, e de Erving Goffman, a partir de sua contribuição metodológica. Desta forma, acreditamos que a arena pública nos permite entender e apreender as práticas cívicas concretas levando em conta a pluralidade de “regimes de engajamento” nas situações” (2003, p. 88).

Os autores que vêm analisando como os rumores podem ser usados com fins políticos, apontam que a principal vantagem desse tipo de narrativa é o anonimato, que permite que esse gênero seja usado como um meio “camuflado” de alguém expressar seus sentimentos e pensamentos sem se identificar. Um dos autores que desenvolveu mais detalhadamente essa relação entre o rumor, o anonimato e a possibilidade de alguém falar sem assumir a responsabilidade foi Scott (1990). Nos livros *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance* (1985) e *Domination and the arts of resistance: hidden transcripts* (1990), o autor desenvolve a noção de “formas cotidianas de resistência” e inclui os rumores como uma das possíveis formas desse tipo de resistência. Para ele, os rumores – assim como as fofocas e brincadeiras jocosas – são um gênero narrativo, cuja característica estrutural é a “crítica disfarçada”, ou seja, aquela que circula sem ter um autor identificado. Para o autor, essas narrativas são técnicas que ajudam a proteger aqueles que querem criticar sem se identificar, pois uma vez que a identidade do autor é disfarçada, grande parte do medo de criticar se dissipa (SCOTT, 1990p. 171).

Diferentemente de Scott (1990), não considero que os rumores possam ser enquadrados exatamente como “formas de resistência cotidiana”, visto que não são dirigidos a mudanças ou transformações de um determinado contexto, mas sim à possibilidade de continuar a vida rotineira após o acontecimento de algum fato marcante. Contrapondo-me a Scott, defendo a ideia de que o rumor não é necessariamente uma forma de crítica, mas sim um “modo de conhecimento” (CEFAÏ, 2007, p. 122) que pode servir (ou não) como substrato para a elaboração de críticas. Os rumores podem funcionar (embora não funcionem necessariamente) como um “trampolim” para a elaboração de críticas dependendo da situação na qual são produzidas e circulam. Mas, como alerta Shibutani (1966, p.146), não há como definir previamente que desdobramentos ou “efeitos” cada rumor pode ter⁹². E, da mesma forma, não há determinado tipo de atividade que possa ser considerada como uma inevitável, ou mesmo uma típica, consequência dos rumores.

⁹² Shibutani afirma que “although much has been written on the typical “effects” of rumors, what happens as a consequence of a rumor depends upon the content of the particular definition that emerges in a given situation. (...) There is no particular type of activity that can be regarded as an inevitable, or even typical, consequence of rumor. (SHIBUTANI, 1966, p.146)

2.5. Rumores como sínteses das mudanças dos problemas públicos nas favelas

Defendo a ideia de que os rumores, no caso das favelas “pacificadas”, podem ser pensados como tipificações de pontos a serem considerados no modo de “continuar a rotina” dos atores, para usar o termo de Giddens (1991)⁹³. Sugiro que os rumores podem ser pensados como uma síntese que unifica, por intermédio de um gênero narrativo, uma espiral circular entre tipo e índice, unificando espaço-temporalmente (passado/presente + antecipação do futuro + percepção do ambiente) as formas de vida de um segmento particular da população. Assim, o rumor permite a produção de novas interseções em um contexto incerto no qual a reciprocidade de expectativas (GARFINKEL, 1967) é quebrada pelo estado de dúvida (PEIRCE, 1877).

Em alguns casos, rumores podem ser entendidos como uma tentativa coletiva de descrever algo que acabou de acontecer em um passado recente. Em outros casos, essas narrativas podem parecer mais uma tentativa de prever o que pode ocorrer futuramente (“forecast the future”) (FINE, 2009, p. 2). Mas, em todos os casos, rumores são, antes de mais nada, uma arma de produção de conhecimento para continuar no momento presente. Este tipo narrativo antecipa os problemas tentando garantir a “continuação” das rotinas e a comunicação nos momentos em que elas são quebradas. Ou seja, o rumor tenta tornar previsível o futuro, incorporando-o à vida diária – acionando a memória do passado para definir e compreender as questões que causam ansiedade (o que Giddens chamaria de “insegurança ontológica”). Por isso, é possível dizer que através dos rumores passado e presente ligam-se numa antecipação do futuro que está associada a percepções que os indivíduos têm do ambiente em que vivem. Por isso, os rumores sugerem a emergência de uma racionalidade coletiva que deve ser menos mensurada pela facticidade do que ele apresenta e mais pela capacidade expressiva das formas de vida que ele é capaz de articular e amarrar em torno de si. Ou seja, o critério de validade do rumor não deve ser estabelecido por sua efetiva correspondência com o real, mas por sua capacidade de dar forma e de tornar

⁹³ Gostaria de abrir um parênteses aqui para lembrar que rumores não precisam necessariamente lidar com situações ambíguas. Os rumores são irredutíveis a qualquer tipo de abordagem funcionalista. Todavia, no caso do meu campo de pesquisa, um dos elementos mais importantes do rumor, foi lidar com a ambiguidade gerada pela chegada da polícia nas primeiras favelas “pacificadas”, já que se tratava de um contexto com grande indeterminação e pouca informação disponível. Sustento, portanto, que essa é uma das formas pelas quais o rumor pode ser experienciado, mas isso não quer dizer que seja sua única ou sequer principal atividade.

compartilhável as experiências que afetam e concernem a coletividade em meio às suas dúvidas e incertezas (CAVEL, 1979; FREGA, 2013).

Apresento, portanto, a hipótese de que os rumores são “tipificações”, no sentido da relação biunívoca que a etnometodologia faz entre indexação/tipificação, indexicalidade/categorização. Sugiro que eles são sínteses do leque de “problemas públicos” envolvidos na continuidade das rotinas nas quais não é possível que um determinado grupo torne públicas suas demandas no debate público, ou seja, um grupo que vive “sob cerco” (MACHADO DA SILVA e LEITE, 2008). Se minha hipótese está correta, e os rumores podem ser pensados como sínteses expressivas de problemas públicos, é possível afirmar que essas narrativas exprimem as dificuldades de continuação da rotina existentes na presença das UPPs. Expressões essas que, obviamente, foram mudando com o passar do tempo, como procuro mostrar ao longo da tese.

Defendo que os rumores permitem não apenas dizer algo sobre a relação dos moradores de favelas “pacificadas” com um contexto altamente incerto, como também – por meio da análise do conteúdo e da variação temporal dessas narrativas – fazer uma breve história dos medos, anseios e inseguranças dessa parcela da população que ainda vem encontrando dificuldade para se expressar no debate público. Desse modo, os rumores da “pacificação”, na verdade, são uma forma de, através dos medos e anseios coletivos e individuais dos atores, contar a história do processo de “pacificação” das favelas cariocas. História esta que será contada ao longo dos próximos capítulos da tese.

Resumidamente, nos capítulos que se seguem, tomando como “porta de entrada” a análise dos rumores, mostro como os problemas públicos em favelas “pacificadas” foram mudando nos últimos seis anos. Começo mostrando no capítulo 3 e 4, como entre 2009 e 2010, os rumores que circulavam pelo Santa Marta e pela Cidade de Deus estavam ligados centralmente aos conflitos gerados entre moradores e policiais pelas tentativas da UPP de controlar esses territórios “pacificados” e a vida cotidiana da população dessas localidades. No capítulo 5, indico que outras tensões que também estavam latentes, nesse momento inicial, eram as geradas pela copresença cotidiana de traficantes e policiais no território das favelas com UPPs. O capítulo 6, mostra que, com o passar do tempo de ocupação policial, a UPP foi se rotinizando e houve, então, um destensionamento momentâneo das relações nas áreas “pacificadas”. No capítulo 7, indico que, entre 2010 e 2011, despontaram novos

problemas públicos gerados pela regularização dos serviços e do comércio; a invasão de “gringos”, “*playboys*” e empresários; o aumento do custo de vida e da especulação imobiliária; as ameaças de remoções e o medo da “remoção branca”/gentrificação e o aumento dos crimes não letais no contexto das “favelas pacificadas”. Por fim, no capítulo 8, mostro como, entre 2012 e 2013, ganharam destaque as preocupações geradas pela volta do “fortalecimento do tráfico”, que em 2014 tornam-se ainda mais agudas, já que cresce a percepção coletiva de que “tudo está voltando a ser como antes” e que a UPP está “em crise”.

Por fim, gostaria de ressaltar que quando apresento esse mapeamento temporal dos problemas públicos em “favelas pacificadas” não quero indicar que uma nova preocupação substitua as anteriores, mas apenas que algumas questões ganham protagonismo em alguns momentos, enquanto outras deixam de ser tão comentadas e debatidas. No entanto, vale lembrar que nada impede que futuramente certos problemas, assim como os rumores que o expressam, voltem ao primeiro plano.

